



efachetti@reddegazeta.com.br, Tel: 3321-8319

PRAÇA OITO

Eduardo Fachetti



Da série “perguntar não ofende”: pode a presidente da Câmara da Serra, Neidia Pimentel, pintar as paredes do gabinete de rosa? E a impessoalidade do cargo, onde fica?

Confissões e tristezas de Bizzotto

Em uma mesa coberta de papéis e livros — jurídicos, literários, poesias —, e cercado por uma imagem de Nossa Senhora do Silêncio, orixás, um pé de comigo-ninguém-pode e uma coleção de faróis em miniatura, senta-se o desembargador Sérgio Bizzotto. Há um ano e meio ele ocupa o amplo gabinete da presidência do Tribunal de Justiça do Estado (TJES), mas talvez em nenhum outro momento fossem tão necessárias as bênçãos e proteções que hoje ele invoca.

A seis meses de encerrar seu mandato, o presidente do TJES, normalmente bem-humorado e autor de frases com um quê de ironia, muda de feição ao falar do curto cobertor financeiro que tem. Bizzotto está no centro de um furacão ad-



ministrativo porque a Corte está consumindo 5,95% da receita corrente líquida do Estado com a folha de pagamento. O limite legal é de 6%.

Na semana passada, o TJES exonerou servidores e congelou duas cadeiras de desembargador para frear os gastos.

Outras medidas, como corte de celulares, gratificações e substituições já haviam sido adotadas dias antes, mas a navalha pode ser acionada novamente.

Na última quarta-feira, quando recebeu a coluna para uma entrevista (leia a seguir), Bizzotto admitiu não ter “para

onde fugir” caso as economias não produzam impacto relevante no percentual consumido pelo TJES. “Se eu atingir 5,9% me dou por satisfeito. Se não atingirmos o limite legal, teremos que pensar em outras alternativas”, alertou.

Num momento de aperto como nunca antes observado, Bizzotto cita apenas a queda da arrecadação estadual como culpada pelas agruras. Não põe na conta as inúmeras benesses autoconcedidas pelo Judiciário nos últimos anos.

Com mais de quatro décadas de serviços prestados, o presidente se ressentido. Diz que está no pior momento de sua carreira e chega a revelar, com uma sinceridade surpreendente, que a “vaidade” foi quem o levou ao comando do TJES.

Seja por vaidade, seja por competência — algo, aliás, que jamais esteve em discussão —, neste momento Bizzotto ocupa uma cadeira que lhe exige pulso firme. O ajuste fiscal é necessário e urgente. Para cumpri-lo e não pôr em risco o próprio currículo e a imagem da Corte, ele terá que contar com muito mais que fé.

ENTREVISTA

“FIZ UM PÉSSIMO NEGÓCIO ASSUMINDO A PRESIDÊNCIA”

Sérgio Bizzotto

Presidente do Tribunal de Justiça do ES

Houve um fator decisivo para que o TJES chegasse tão próximo do limite legal com gastos de servidores?

Houve. Esse índice, de 5,95%, depende da receita corrente líquida do Estado. Quando é feito um orçamento, quando damos aumento de salário, precisamos fazer uma projeção. Nosso setor fez isso, mas considero que fizemos uma projeção otimista demais. Em razão de a receita do Estado não ter correspondido, ficamos assim. Eu só consigo melhorar essa situação se a receita do Estado aumentar.

Mas isso não está ao seu alcance...

É, não. O impacto é local, mas trata-se de um problema nacional, por isso tive que tomar providências. A mais drástica foi a devolução dos servidores que tinham funções gratificadas para as co-

marcas de origem. Deixamos de ter em cada gabinete de desembargador uma pessoa. Foi uma medida extremamente correta, do ponto de vista legal, mas foi apressada. Tivemos que fazer isso de um dia para o outro.

Era inevitável?

Veja bem, não era para eles estarem aqui no Tribunal de Justiça, porque eles fizeram concurso para aquelas comarcas que estavam desguernecidas de pessoal. A quem interessava o retorno deles? Aos cartórios, às comarcas, aos advogados. E a quem não interessava? A eles próprios, aos desembargadores e chefes daqui.

Essa medida acabou sendo positiva, a seu ver? Afinal, há tempos se fala de falta de pessoal no interior...

Sem dúvida. Foi um mal que veio para bem. Há um benefício porque esses servidores estarão lá e as comarcas não ficarão mais desguernecidas. Temos comarcas que funcionam com apenas um estagiário. Vou confessar: eu não seria forte o bastante para lutar contra o tribunal. Eu iria fraquejar, ter uma atitude covarde, se precisasse. Mas tive apoio total dos meus colegas. Sem isso, talvez eu recuasse. Porque assim como eu estou aqui hoje, outro vem logo atrás. O vice-presidente pode assumir.

Acho que fiz um péssimo negócio assumindo a presidência. Eu estava extremamente bem onde eu estava. Talvez por vaidade eu vim para cá.

Por que esses servidores não foram “devolvidos” antes?

Já havia uma determinação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) para isso. Essa medida foi profilática. Não fizemos antes porque faltou a nós atingir o momento certo, que viria independentemente da Lei de Responsabilidade Fiscal. O principal interesse do CNJ é a priorização do primeiro grau. Isso começa com a devolução dos servidores. Iria ocorrer antes ou depois e só esperava a determinação. Para mim, seria muito mais cômodo.

Ainda há servidores que podem ser remanejados?

Tiramos uma pessoa de cada gabinete, mas cada gabinete tem duas funções gratificadas. Claro que tem alguns desembargadores que têm dois, outros têm um, alguns não têm nenhum no interior. O acordo foi, por enquanto, tirar só um. A economia já foi bastante grande. Não posso descartar (outros remanejamentos), porque se não atingirmos o limite legal, teremos que pensar em outras alternativas. O esvaziamento de dois gabinetes de desembargador já foi uma

medida. Não posso pagar hora extra, não podemos ter mais substituições. O tribunal está sofrendo uma penalização dolorosa. Programamos essas medidas para que seja o suficiente, mas não tenho por onde fugir.

Há mais gordura a ser cortada?

Não. Veja só, eu não consegui, em 18 meses de gestão, levantar uma única parede no Judiciário. Tinha uma ideia muito ousada de construir o Fórum de Vitória; depois pensei na compra de um imóvel — e temos muito dinheiro para isso, R\$ 140 milhões —, mas não comprei nem um cinzeiro para o tribunal. Só paguei os veículos novos e a reforma da fachada, que estavam contratados antes. Nesse um ano e meio fiz uma única viagem.

Na sua posse o senhor fez um discurso em favor da unificação do Judiciário, mas agora enfrenta turbulências internas...

E com um detalhe: eu estava tendo uma presidência tranquila, boa. Sem luminosidade, mas linear. De uma hora para outra veio a tempestade. Isso causou efeito devastador em mim.

Como define esse momento da sua gestão?

Estou vivendo um período dramático. Tenho 43 anos de magistratura e este é o pior momento da minha vida profissional.

Homens de preto

Enquanto o governador Paulo Hartung dispensou seguranças particulares, como uma de suas primeiras medidas de governo, o procurador-geral de Justiça, Eder Pontes, não sai de casa sem ser acompanhado de perto por, pelo menos, dois guarda-costas. Até para uma simples ida ao shopping eles estão lá.

Nada a relatar

Na penúltima sessão da 1ª Câmara do Tribunal de Contas do Estado (TCES), o conselheiro substituto João Luiz Cotta Lovatti, que é auditor de carreira da Corte, não tinha nenhum processo para relatar. Isso porque o regimento interno do TCES só permite a distribuição de processos de pessoal e alguns da administração indireta dos municípios a substitutos.

Mão de obra cara

Como efeito desta norma, os processos de prefeituras e do governo — onde os principais interessados, via de regra, são políticos — ficam nas mãos dos conselheiros indicados pelo Palácio Anchieta e pela Assembleia Legislativa. Sendo assim, com ou sem trabalho, o auditor, no papel de conselheiro substituto, continua a receber salário de R\$ 30,4 mil.

10, com louvor

Quadro histórico do PCdoB, Elio Ramires Garcia, de 72 anos, conquistou um novo título esta semana. Ele foi aprovado, com nota máxima, no mestrado em História da Ufes, com uma dissertação sobre a transição do movimento sociorreligioso ao movimento político organizado no Estado.

AVALIAÇÃO DA GESTÃO

Câmaras

VEREADOR DEVE RECEBER SALÁRIO?

A pergunta divide opiniões. Para 41,4%, a resposta é "sim". Para 40,7%, "não"

LETÍCIA GONÇALVES
lgoncalves@redgazeta.com.br

Se os moradores das sete cidades pesquisadas na série "Avaliação da Gestão" reprovam a atuação dos vereadores, os mesmos entrevistados ficam divididos quanto a uma questão: "Você acha que o vereador tem que ser remunerado?"

A média das respostas dadas em Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Linhares, Colatina e Cachoeiro de Itapemirim foi de 41,4% para "sim" e 40,7% para "não".

Em Vila Velha, a Câmara mais reprovada, a maioria dos entrevistados, 52,3%, acha que o trabalho dos parlamentares deveria ser voluntário. Outros 45%, no entanto, acham justo pagar salário aos edis.

Já em Cariacica, 48,5% rechaçam o pagamento

VALOR MENOR



"Eles deviam receber salário, mas em um valor bem mais baixo. Acredito que Cariacica seja uma das piores Câmaras, porque a sensação é que ninguém faz nada"

MARLENE MOTTA
COZINHEIRA, de Alto Lage

aos vereadores, enquanto 47% responderam que eles devem, sim, ter uma remuneração. Em Linhares está o maior percentual de entrevistados favoráveis ao pagamento de salário aos vereadores: 54%.

O diretor da Futura José Luiz Orrico considera os dados como uma contradição: "Em alguns municípios, o percentual dos que acham que o vereador deve ser remunerado chega a ser um pouco maior, mas no geral estão divididos, o que soa estranho".

"A pessoa não se sente representada, mas acha que tem que pagar o parlamentar. É uma contradição, uma vez que todas as demais respostas na avaliação são negativas", resume. A pesquisa ouviu 400 pessoas em cada uma das cidades pesquisadas.

CRÍTICAS

"O SALÁRIO DOS VEREADORES É MUITO ALTO. ELES VOTAM E AUMENTAM OS PRÓPRIOS SALÁRIOS"

FÁBIA COELHO, 43 anos
Universitária, moradora de Fradinhos, Vitória



FOTOS: CARLOS ALBERTO SILVA

Universitária propõe mais controle

A estudante de Direito Fábria Coelho, de 43 anos, moradora de Fradinhos, em Vitória, avalia que os vereadores são distantes da população, o que atrapalha o acompanhamento dos trabalhos: "Para a po-

pulação, é impossível acompanhar as ações dos vereadores, as tarefas diárias nos engolem. Cabe mais aos representantes de bairros fazerem essa ponte entre vereadores e cidadãos", diz ela. Fábria ainda complementou: "Os vereadores deveriam priorizar projetos na área da segurança porque a violência está terrível. Arrombaram

até a Delegacia de Jucutuquara, é um absurdo. Como quem nos vai dar segurança não tem segurança? Além de projetos para regularizar as calçadas do Centro de Vitória e combater o consumo de drogas. O salário dos vereadores é muito alto. Eles votam e aumentam os próprios salários. Deveria haver mais controle sobre isso".

Presidentes destacam cortes dos benefícios de vereadores

A frente da Câmara mais mal avaliada na pesquisa, Ivan Carlini (DEM), de Vila Velha, afirmou, por meio de nota, que "respeita a opinião das pessoas" embora considere que a maioria não acompanha os trabalhos legislativos.

"Neste mandato, nós já apreciamos mais de 500 projetos de lei e devolvemos aos cofres públicos mais de R\$ 4,5 milhões de recursos que economizamos", informou Carlini.

"Além de não receberem 13º salário, os vereadores de Vila Velha também não têm celular, nem carro, e nem selos pagos pelo Legislativo. Se a população soubesse disso tudo, talvez tivesse uma opi-

SALÁRIOS

Serra

Cada um dos 23 vereadores da Serra recebe R\$ 9,2 mil de salário. É o valor mais alto na Grande Vitória.

Cariacica

A Câmara de Cariacica tem 19 vereadores, com salário de R\$ 8 mil.

Vitória

Já na Capital são 15 parlamentares. Cada um ganha R\$ 7,9 mil mensalmente.

Vila Velha

Na Câmara canela-verde, que tem 17 vereadores, cada um dos parlamentares recebe, por mês, R\$ 7,4 mil de salário.

nião melhor sobre a Câmara", complementou.

Já o presidente da Câmara de Cariacica - a segunda com pior avaliação - César Lucas (PTC), diz que os vereadores sofrem devido a ter que fazer "uma tarefa que não é a deles". "A população cobra do vereador um trabalho que é do Executivo. Falta saúde, segurança e passamos a ter que fazer algo de imediato", afirma Lucas.

"Estamos fazendo um trabalho para recuperar a nossa imagem. Reduzimos custos, cortamos contratos, não temos mais carro e gasolina. Mas o déficit social na cidade é muito grande e o vereador é o primeiro a ser questionado", avalia.

VEREADOR TEM QUE SER REMUNERADO?

Cidade	Sim (%)	Não (%)
Linhares	54	41,5
Vitória	41,5	51,8
Cachoeiro	49,8	46,8
Serra	49,5	47
Cariacica	48,5	47
Vila Velha	45	52,3
Colatina	45	49

Em (%)



A Gazeta | Editora de Arte | Marcelo Franco

Política.

"Estamos prontos para retomar"

O senador Aécio Neves (PSDB-MG) afirmou ontem que os tucanos estão "prontos" para voltar a governar o país e também o Estado de Minas Gerais. "Estamos prontos para retomar", disse Aécio na convenção do PSDB mineiro.

EDITORA:
ELISA RANGEL
erangel@redgazeta.com.br
Tel: 3321.8332
agazeta.com.br/politica

gazetapolitica

AVALIAÇÃO DA GESTÃO • Câmaras

RUIM OU PÉSSIMO

VEREADORES TÊM TRABALHO REPROVADO

Câmaras de Vila Velha e Cariacica lideram o ranking negativo

LETÍCIA GONÇALVES
lgoncalves@redgazeta.com.br

Das sete Câmaras Municipais pesquisadas na série "Avaliação da Gestão", nenhuma chega a 20% de aprovação. Já o índice de reprovação, percentual correspondente à soma dos que consideram o Legislativo ruim ou péssimo, passa dos 40% em duas delas e é significativo em todas.

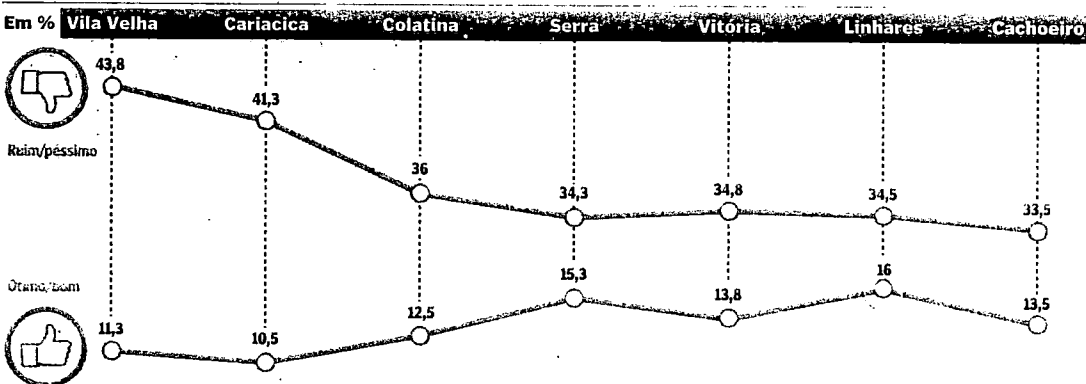
O levantamento foi feito pelo Instituto Futura a pedido de A GAZETA. Ao todo foram ouvidas 400 pessoas em cada município. Quem lidera o ranking das Câmaras mais mal avaliadas é Vila Velha, reprovada por 43,8% dos moradores da cidade. Em seguida, aparece o Legislativo de Cariacica. Para 41,3% dos entrevistados, a Casa é ruim ou péssima.

A Câmara mais bem avaliada foi Linhares, com apenas 16% de entrevistados que a consideram boa ou ótima. "Isso é nada. De cada 5, menos de um avalia positivamente a melhor Câmara", afirma José Luiz Orrico, um dos diretores da Futura.

NÃO REPRESENTAM

Quando a pergunta é se a pessoa se sente representada pelos vereadores, as respostas são ainda mais enfáticas. Em Cariacica, 88,5% disseram que não. Em Vila Velha, o percentual negativo foi de 86%. Na Serra, 84% não se sentem representados; em Cachoeiro de Itapemirim 84,3% responderam o mesmo; em Colatina

AVALIAÇÃO DAS CÂMARAS DE VEREADORES



83,3% disseram não se sentirem representados; em Vitória o índice é de 81,5% e em Linhares, de 79,8%.

Se, por um lado, os eleitores não veem os vereadores com bons olhos, por outro não acompanham o trabalho deles. Quase ninguém se lembra de algum projeto aprovado pela Câmara. Em Cariacica, 92,3% disseram não se recordar.

Orrico avalia que as Câmaras foram reprovadas "de ponta a ponta". Perguntado se falta à população conhecer a real função dos vereadores — legislar e fiscalizar — que muitas vezes é confundida com a do Executivo, o diretor da Futura diz que acredita que o problema vai além.

"A Câmara, na minha opinião, está morta, não tem mais função. Os vereadores

não conseguem dar as respostas esperadas e a própria Constituição Federal não dá poder a eles para mexer muito no orçamento", afirma Orrico.

Já o cientista social Joilton Rosa faz uma outra avaliação: "Não acredito que o Legislativo esteja sem função. Há pouca informação sobre o Legislativo nos municípios, onde a função legislativa é provinciana".

"Não tem como saber quem começou: os eleitores a pedirem pequenas coisas em troca do voto, ou os vereadores a oferecerem. Mas o Legislativo municipal tem uma função importante, que é fiscalizar e propor investimentos. Infelizmente, essas funções foram deixadas de lado em favor da governabilidade, a troca de favores com o Executivo".

"ENTRA ANO E SAI ANO, OS PROBLEMAS CONTINUAM"

Gabriella Ribeiro
Moradora de Vila Velha

"Entrar ano e sair ano, os problemas de rua esburacada e alagamento em Vila Velha continuam. Como acreditar que vereadores fazem seu trabalho direito?", questionou a pedagoga Gabriella Ribeiro, de 28 anos. Segundo ela, a precariedade do ensino fundamental e médio



na cidade também faz pairar uma nuvem de desconfiança sobre a Câmara de Vila Velha. "Se não for a pior casa

legislativa, deve estar entre as piores. Serviços básicos são historicamente renegados à população", reclama.

AVALIAÇÃO DA GESTÃO

Câmaras

VEREADOR DEVE RECEBER SALÁRIO?

A pergunta divide opiniões. Para 41,4%, a resposta é “sim”. Para 40,7%, “não”

LETÍCIA GONÇALVES
lgoncalves@redgazeta.com.br

Se os moradores das sete cidades pesquisadas na série “Avaliação da Gestão” reprovam a atuação dos vereadores, os mesmos entrevistados ficam divididos quanto a uma questão: “Você acha que o vereador tem que ser remunerado?”

A média das respostas dadas em Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Linhares, Colatina e Cachoeiro de Itapemirim foi de 41,4% para “sim” e 40,7% para “não”.

Em Vila Velha, a Câmara mais reprovada, a maioria dos entrevistados, 52,3%, acha que o trabalho dos parlamentares deveria ser voluntário. Outros 45%, no entanto, acham justo pagar salário aos edis.

Já em Cariacica, 48,5% rechaçam o pagamento

VALOR MENOR



“Eles deviam receber salário, mas em um valor bem mais baixo. Acredito que Cariacica seja uma das piores Câmaras, porque a sensação é que ninguém faz nada”

MARLENE MOTTA
COZINHEIRA, de Alto Lage

aos vereadores, enquanto 47% responderam que eles devem, sim, ter uma remuneração. Em Linhares está o maior percentual de entrevistados favoráveis ao pagamento de salário aos vereadores: 54%.

O diretor da Futura José Luiz Orrico considera os dados como uma contradição: “Em alguns municípios, o percentual dos que acham que o vereador deve ser remunerado chega a ser um pouco maior, mas no geral estão divididos, o que soa estranho”.

“A pessoa não se sente representada, mas acha que tem que pagar o parlamentar. É uma contradição, uma vez que todas as demais respostas na avaliação são negativas”, resume. A pesquisa ouviu 400 pessoas em cada uma das cidades pesquisadas.

CRÍTICAS

“O SALÁRIO DOS VEREADORES É MUITO ALTO. ELES VOTAM E AUMENTAM OS PRÓPRIOS SALÁRIOS”

Fábia Coelho, 43 anos

Universitária, moradora de Fradinhos, Vitória

FOTOS: CARLOS ALBERTO SILVA



Universitária propõe mais controle

A estudante de Direito Fábia Coelho, de 43 anos, moradora de Fradinhos, em Vitória, avalia que os vereadores são distantes da população, o que atrapalha o acompanhamento dos trabalhos. “Para a po-

pulação, é impossível acompanhar as ações dos vereadores, as tarefas diárias nos engolem. Cabe mais aos representantes de bairros fazerem essa ponte entre vereadores e cidadãos”, diz ela. Fábia ainda complementou: “Os vereadores deveriam priorizar projetos na área da segurança porque a violência está terrível. Arrombaram

até a Delegacia de Jucutuquara, é um absurdo. Como quem nos vai dar segurança não tem segurança? Além de projetos para regularizar as calçadas do Centro de Vitória e combater o consumo de drogas. O salário dos vereadores é muito alto. Eles votam e aumentam os próprios salários. Deveria haver mais controle sobre isso”.

Presidentes destacam cortes dos benefícios de vereadores

SALÁRIOS

▼ Serra

Cada um dos 23 vereadores da Serra recebe R\$ 9,2 mil de salário. É o valor mais alto na Grande Vitória.

▼ Cariacica

A Câmara de Cariacica tem 19 vereadores, com salário de R\$ 8 mil.

▼ Vitória

Já na Capital são 15 parlamentares. Cada um ganha R\$ 7,9 mil mensalmente.

▼ Vila Velha

Na Câmara canela-verde, que tem 17 vereadores, cada um dos parlamentares recebe, por mês, R\$ 7,4 mil de salário.

não melhor sobre a Câmara”, complementou.

Já o presidente da Câmara de Cariacica – a segunda com pior avaliação – César Lucas (PTC), diz que os vereadores sofrem devido a ter que fazer “uma tarefa que não é a deles”: “A população cobra do vereador um trabalho que é do Executivo. Falta saúde, segurança e passamos a ter que fazer algo de imediato”, afirma Lucas.

“Estamos fazendo um trabalho para recuperar a nossa imagem. Reduzimos custos, cortamos contratos, não temos mais carro e gasolina. Mas o déficit social na cidade é muito grande e o vereador é o primeiro a ser questionado”, avalia.

VEREADOR TEM QUE SER REMUNERADO?

Cidade	Sim (%)	Não (%)
Linhares	54	41,5
Vitória	51,8	46,5
Cachoeiro	49,8	46,8
Serra	49,5	47
Cariacica	48,5	45
Vila Velha	45	52,3
Colatina	49	45

Em (%)



A Gazeta | Edição de Arte | Marcello Frezza